

Entranhas da Política

Emenda que cria *sobretudo* salarial para senadores e deputados reabre antiga discussão sobre a finalidade da política no Brasil. Afinal, deputados e senadores vão a Brasília para fazer o quê?, para servir a quem? A política, tal como é praticada atualmente, é um serviço público, dirigido à população, ou uma profissão como qualquer outra apenas para benefício dos seus usuários?

São perguntas que surgiram depois que o senador Eptácio Cafeteira, do Maranhão, autor da emenda, adiada por enquanto, declarou na televisão que não se pode viver em Brasília com R\$ 12,7 mil, teto proposto pela reforma administrativa para funcionários públicos, incluindo presidente da República. Daí a necessidade, segundo ele, de *sobretudo* para senadores e deputados. Argumenta o senador maranhense com uma frase já lapidada para entrar nos bastidores da história da política brasileira: “Ninguém paga para ser senador ou deputado.”

Pela sua frieza e principalmente pela falta de tato político, a frase de Cafeteira, talvez por exprimir o pensamento de boa parte do Congresso, reintroduz na política brasileira realismo cínico incompatível com os tempos modernos. Não se faz mais política com tanto primarismo, nem em causa própria.

Reedita-se, em segunda mão, episódio do final do Segundo Reinado, em 1884, quando o presidente do Conselho de Ministros, Lafaiete Rodrigues Pereira, no momento em que pedia a demissão do Ministro da Guerra, responsabilizado por negligência no caso do assassinato do

jornalista Apulco de Castro, pronunciou no calor dos debates uma frase que entrou para a história brasileira como “a frase do Lafaiete”: “A política não tem entranhas.” *Mutatis mutandis*, sob o ponto de vista moral, a frase de Cafeteira não se diferencia muito em seu conteúdo da frase de Lafaiete, com a diferença de que na sua época provocou reação indignada num Congresso do qual faziam parte José Bonifácio, o Moço, Rui Barbosa, Afonso Pena e tantos outros.

Mudaram os tempos, baixou o nível do Congresso, mas a falta de ética continua a prevalecer na vida política. A frase de Lafaiete, realmente cínica, era a tradução de “la politique n’a pas d’entrailles” com que se dizia que Napoleão III justificava o seu realismo político e as usurpações de poder. Até 1870 era divulgadíssima nos panfletos políticos contra o *petit Napoléon*.

Cafeteira, com sua frase, põe para fora o que se pensava mas não se dizia abertamente, de que os políticos brasileiros, quando se trata de vantagens pessoais, jogam o espírito público às urtigas e passam a se lixar para o que pensa a opinião pública deles. R\$ 12,7 mil é pouco para viver em Brasília? E as mordomias, apartamento funcional com banheira de hidromassagem, carro com motorista e combustível, quatro passagens mensais para seus estados (das quais uma ainda passa pelo Rio), horas extras, 11 mil cópias xerox, impressos na gráfica do Senado, e tudo o mais que o *petit* Cafeteira se esquece de acrescentar ao salário?

Política assim não pode mesmo ter entranhas.